

2009 - Quem não quer a estabilidade em São Tomé e Príncipe?

Quem não quer a estabilidade em São Tomé e Príncipe?

por: Eugénio Costa Almeida©

Ciclicamente e quando tudo parece que está a estabilizar São Tomé e Príncipe é abanada por convulsões sociais ou paramilitares. Recentemente um líder sindical foi detido por actividades que, segundo o Estado não estariam bem de acordo com a sua natural convicção social, ou seja, não estaria em actividade sindical, já que algumas reivindicações que levaram a ser auscultado iam para além do admissível. Na passada quinta-feira a cidade de São Tomé acordou com um aparato militar e policial que visariam não só a proteger os palácios presidencial e de governo e do quartel general das Forças Armadas, como sitiaram o edifício onde estavam membros da Frente Democrática Cristã, partido sem assento parlamentar, incluindo o seu presidente, Arlécio Costa, que pertenceu ao extinto Batalhão 32, mais conhecido por “Batalhão Búfalo”. Juntamente com mais três dezenas de companheiros seus, foi detido, bem assim capturado algum, e não pouco material e munições paramilitares. Arlécio Costa também é representante em São Tomé de um grupo financeiro e turístico sul-africano “Falcon Group. Segundo parece, pelo que pude ouvir e ler, os membros do extinto “Batalhão Búfalo” têm mostrado uma capacidade financeira e interventora nas questões sociais e, porque não dizê-lo, políticas, que parecem pouco extravasar os limites admissíveis. Depois de há alguns meses os ex-Búfalos terem sitiado o Tribunal de Contas (TC), agora parece que queriam uma “mudança” do Poder. Em 2003, foram co-autores de outra tentativa de golpe contra o governo da 1ª Ministra Maria das Neves, enquanto o Presidente da República estava na Nigéria. Na sequência do memorando assinado entre os revoltosos e as autoridades são-tomenses com a mediação da comunidade internacional viram ser-lhes concedido mais de 300 há de terreno para desenvolverem actividades económicas sustentáveis, nomeadamente turísticas e lúdicas. No quadro das suas “actividades” montaram igualmente um Casino que o actual Executivo qualificou de ilegal e decidiu no último fim-de-semana fechar o espaço. Aliás, é o Grupo Pestana é que tem a exclusividade desse tipo de actividade em São Tomé. Dado que os membros do extinto “batalhão Búfalo, foram, pode-se assim dizer, autenticamente despojados de todas as regalias financeiras e sociais que usufruíam durante o regime do “apartheid” – razão porque o Estado santomense lhes ter concedido a tal área para actividades económicas – torna-se estranho que em terrenos concedidos pelo estado santomense tenham conseguido montado um Casino num edifício alugado. Consta – será verdade? –, que teriam sido “beneméritos” sul-africanos que estariam a financiá-los. Os mesmos que, segundo parece, estarão ligados ao Falcon Group. Como escrevi no início, ciclicamente e quando tudo parece que está a estabilizar São Tomé e Príncipe é abanada por convulsões sociais ou paramilitares. Perdoem-me a ingenuidade, mas será que anda por ali mãozinhas muito estranhas a São Tomé? E, com que intenções? Não devemos esquecer que o Estado santomense está numa encruzilhada geoestratégica criada por um muito escalénico triângulo formado por Angola, Guiné-Equatorial e Nigéria no obscuro panorama político-militar do Golfo da Guiné. Se relembrarmos que os principais problemas ocorrem sempre que uma das partes está, política e financeiramente, mais próxima de São Tomé e Príncipe – antes foram os acordos de divisão offshore com Nigéria e Guiné-Equatorial; recentemente os acordos com a Sonangol – mais se compreende quão problemática se torna a difícil situação de gestão de charneira de STP entre estes três potentados petrolíferos e o querer sustentar uma ligação equilibrada entre os mesmos mui se torna delicado manter o frágil equilíbrio. E se analisarmos que no Golfo da Guiné pautam duas protopotências regionais (Angola e Nigéria) e uma à procura de melhores esbulhos (Guiné-Equatorial), mesmo que estes mais não sejam que livre acesso à comunidade internacional de onde anda arredada, ainda que por via da língua, mais difícil se torna a postura política das ilhas maravilhosas. Seria nestas alturas que a CPLP deveria ter uma voz mais activa na sustentação dos Estados que a suportam, mas…16/Fev./2009©Publicado no semanário santomense Correio da Semana, ed.204, de 21-Fevereiro-2009, (<http://www.correiodasemana.info/spip.php?rubrique10>)